

Cruzando arte, sexo e política: As potencialidades e articulações dissidentes mobilizadas em uma plataforma de pornografia desviante¹

Rafa Ella Pinheiro Souza (USP/SP)

Palavras-chave: pornô desviante; dissidência; EdiyPorn.

Introdução

Em 2019, pessoas vindas de diferentes áreas do campo artístico, especialmente artistas do corpo e do audiovisual que se interessavam pela intersecção entre dança, performance e pornografia, começaram a se reunir a fim de formar uma coletividade. Pensando na potência da criação em rede e na ocupação de corpos desviantes na pornografia, nasceu a EdiyPorn, um agrupamento de pessoas artistas interessadas em reconfigurar as representações do pornô à medida que criava fissuras nos imaginários sexuais que foram moldados pela pornografia hegemônica. A palavra EdiyPorn é uma fusão de “edi” (que significa “cu” no dialeto pajubá²) com DIY – Do It Yourself (“faça você mesmo”, em tradução livre), presente especialmente nos movimentos punk e pós-pornô. Desse coletivo, três pessoas demonstraram o interesse em criar uma produtora pornô e começaram, então, a trabalharem no desenvolvimento do *site*, da marca, da identidade visual e de como seria a estrutura dessa produtora (que durou cerca de um ano desde a elaboração até o seu lançamento). Paralelamente, o coletivo realizava investigações e intervenções artísticas em espaços públicos e privados que versavam sobre corpo e experimentações sexuais. As ações, denominadas como *pornoshow* – hoje intituladas como *GAP (Grupo de Ações Pornoshow)* – tinham (e ainda têm, já que ainda ocorrem) um caráter exploratório e dialógico, como encontros para discutir experiências sexuais, conversas sobre consentimento e Comunicação Não Violenta (CNV), rodas de masturbação, oficinas de BDSM e pornografia, entre outras.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

² Com origem nos dialetos africanos Yorubá e Nagô, com circulação do vocabulário pajubá entre praticantes de religiões de matriz afro-brasileira, o pajubá também aparece comumente em etnografias que se propõem a analisar as vivências, experiências e sociabilidades de travestis e mulheres trans em amplas abordagens e recortes diferenciados – a saber: BENEDETTI, 2005; LIMA, 2017; KULICK, 2008; PINHEIRO, 2022.

Entendemos las acciones *pornoshow* como dispositivos de hackeo de imaginarios sexuales, en los que colocamos nuestros cuerpos como campos de experimentación y dislocamos el lugar tabú de la sexualidad, provocando al público (EDIYPORN, 2021, p. 152, grifo meu).

Em março de 2019, especificamente na segunda-feira de carnaval daquele ano, uma ação *pornoshow* realizada de modo improvisado durante o cortejo de um bloco de carnaval de rua de São Paulo tomou proporções inimagináveis, alcançando a macropolítica e uma reverberação em variadas escalas e intensidades, com efeitos diretos às pessoas performers que participaram da ação. O BloCU³, seguia o seu trajeto estabelecido pelo Pátio do Colégio, região central de São Paulo. Tendo como trilha sonora Jup do Bairro, uma artista travesti, negra e gorda, que cantava em um trio elétrico uma música com batidas de *funk* e que tinha como uma das estrofes “falei pra minha mãe que eu queria ser mulher”, duas artistas performers escalaram um ponto de táxi e começaram a acionar ali um movimento espontâneo. Uma delas usava um *cropped* (uma peça de roupa curta que deixa a barriga à mostra) e uma *jockstrap* (modelo de cueca com a parte frontal estreita, as laterais finas e a traseira sem nenhum tecido, deixando as nádegas totalmente à mostra), balançava os cabelos compridos e exibia as nádegas em uma “dança anal”⁴. Ela molhava os dedos na boca, abria bem as pernas e as nádegas, e dedava o seu próprio ânus. As pessoas do bloco, que até então cantavam a letra da música com Jup do Bairro, rapidamente passaram a observar e a celebrar aquele momento. Algumas permaneciam estarecidas, com os olhos esbugalhados quase sem piscar, observando atentamente cada movimentação no topo do ponto de táxi. Outras expressavam com gritos e elogios direcionados à artista e sua “dança anal”, como “maravilhosa” e “gostosa”. O público naquele momento – inclusive eu, que acompanhava o bloco – assumiu uma posição *voyeur*. Tanto as pessoas que olhavam a cena desacreditadas como as eufóricas, o interesse e a curiosidade em saber o que surgiria naquela ação estava posta.

A segunda pessoa artista, até então partilhando com o público a sua posição de *voyeur*, em dado momento colocou a sua mão dentro da bermuda que usava, sacou o seu pênis pra fora e começou a urinar em direção à cabeça e à nuca da outra artista, que se flexionou para receber todo o líquido. Com a cabeça e o cabelo molhados, ela se levantou

³ O BloCU se autodefine como: “um bloco de carnaval eletrônico, performático e queer, uma maniFESTA. A manifestação pela festa do corpo. O encontro do ativismo com o hedonismo”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/blocubloco>>. Acesso em: 2/3/2024. Na programação do carnaval de rua de 2019, o BloCU se descreveu como “um bloco com muito brilho feito para escandalizar e carnavalizar geral”.

⁴ Desenvolvida pela artista, é uma prática performativa em que, basicamente, ela rebola e faz posições com o corpo para expor suas nádegas e o seu ânus.

mexendo os cabelos compridos em uma dança frenética, como quem tinha vontade de compartilhar, ainda que alguns pingos de urina que escorriam, com a multidão embaixo do ponto de táxi que acompanhava o desfecho da ação. Foi o ápice da performance. Estávamos assentadas em um terreno protagonizado pelas dissidências, que transitava pela trilha sonora (que narrava a infância viada da artista e o seu anseio em ser mulher), passando pela ação da dupla e também pelo público que a acompanhava – uma “multidão *queer*” pra usar a expressão do Preciado (2011), uma multidão de potências de vida desidentificadas com os parâmetros binários de masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual.

A performance realizada foi registrada em um vídeo curto, de aproximadamente 40 segundos, por alguma pessoa que acompanhava o bloco de rua na multidão. O vídeo foi postado no momento em que a ação ocorreu em um perfil na rede social Twitter (que agora se chama X) que tinha poucos seguidores. Um perfil pouco ativo e com poucas postagens. Por algum motivo – ou uma manipulação algorítmica da rede – a publicação teve uma circulação viral no Twitter, com mais de 4 milhões de visualizações em um compartilhamento exorbitante, furando possíveis bolhas de compartilhamento de conteúdos eróticos/explicítos e alcançando um público jamais imaginado. O vídeo chegou até ao ex-presidente Jair Bolsonaro, recém empossado à época, que compartilhou a publicação em seu perfil oficial do Twitter no mesmo dia com a seguinte legenda:

Imagem 1 – Primeiro *tuíte* de Jair Bolsonaro



Fonte: Uol, 5 mar. 2019.

No dia seguinte à ação, em 6 de março de 2019, com a sua expressiva divulgação, por um momento, a dupla achou curioso o fenômeno da viralização. Uma das artistas, a que recebeu o jato de urina, chegou a ironizar nos *stories* de seu perfil no Instagram, agradecendo a ampla divulgação da performance feita pelo então presidente. Bolsonaro, usuário ativo do Twitter, que à época tinha cerca de três milhões de seguidores/seguidoras, utilizou a rede durante toda a sua campanha presidencial e o seu mandato. Ele postava as suas aprovações e desgostos sobre os mais diversos assuntos na rede social sem nenhum cuidado ou atenção – características necessárias a um chefe de Estado que se comunica por meio das plataformas de redes sociais com grande parte da população do Brasil e do mundo. Na legenda, como podemos visualizar, ele utilizou o vídeo da performance como um exemplo genérico para desmoralizar a festividade do carnaval, sobretudo os blocos de rua, que recebem uma quantidade imensa de foliões em todo o país antes, durante e depois da data comemorativa “oficial” do carnaval.

Na esteira da reflexão do ocorrido, é importante recuperar o contexto ao qual estávamos inseridas naquele período. Sob uma perspectiva política, o governo de Jair Bolsonaro, que teve o seu mandato como presidente entre 2019 e 2022, ascendeu um bruto e explícito conservadorismo no país, que, se pudermos retroceder, foi germinado e visibilizado desde o *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016. Bolsonaro e seus/suas seguidores/seguidoras, desde antes de 2019, trabalharam insuflando o nacionalismo, a família nuclear monogâmica cisgênera-branca-heterossexual-burguesa-saudável-cristã, a segurança do “cidadão de bem”, o discurso de ódio e a aversão a qualquer tipo de manifestação desviante dos seus princípios – a famigerada “ideologia de gênero”, a “mamadeira de piroca” e o “kit gay” são alguns exemplos⁵. Com isso, ressalto que o movimento conservador não se dissipou com o início do mandato de Lula, em 2023, ou que as duras censuras, violências e perseguições, investidas pela direita conservadora e a sua aliança com organizações religiosas, foram amenizadas. A disputa de narrativas ainda

⁵ Nos últimos anos, especialmente na última década, as cruzadas conservadoras, moralistas e as suas alianças explícitas com fundamentalistas religiosos têm sido temas abordados por variados recortes de análise no campo antropológico. Destaco o dossiê “Conservadorismo, direitos, moralidades e violência: situando um conjunto de reflexões a partir da Antropologia”, organizado por Regina Facchini e Horacio Sívorí (Cadernos Pagu, 2017); o seminário temático “Sexualidade e gênero: política, agenciamentos e direitos em disputa”, coordenado por Regina Facchini e Roberto Marques, que ocorreu no 43º Encontro Anual da ANPOCS (2019); e o simpósio especial “Desafios e resistências no campo de gênero e sexualidade no Brasil contemporâneo”, que ocorreu durante a 32ª RBA – Reunião Brasil de Antropologia (2020) e que contou com duas sessões de mesas redondas: Ofensivas: “Ideologia de gênero”, ataques a Direitos Humanos, pânico morais (coordenado por Heloisa Buarque de Almeida) e Agenciamentos e formas de resistência contemporânea (coordenado por Carlos Eduardo Henning).

existe e a contestação reacionária se mostra combativa às demandas progressistas nos espaços educacional, cultural, artístico e social em variadas intensidades. Embora Jair Bolsonaro não esteja na presidência, o bolsonarismo e a cultura de ódio permanecem vivos – e ativos.

A viralização da postagem disparou efeitos em grande escala. O recorte de uma performance consentida entre as pessoas artistas, que ocorreu em um contexto específico, ganhou um alcance midiático ⁶ gigantesco. Ou seja, uma “prática pornográfica-performativa”, como dizem as artistas, realizada por “duas bixas” – denominação que utilizaram quando foram entrevistadas pelo jornal Folha de S. Paulo para comentar a ação – foi visualizada na *internet*, em matérias jornalísticas na televisão, em reportagens em jornais/revistas impressas e digitais, e em redes sociais. Além das divulgações midiáticas, as pessoas que acessaram, de algum modo, ao curto vídeo, tiveram conhecimento de que existe uma prática sexual de urinar e/ou receber um jato de urina da pessoa (ou das pessoas) parceira/s. A partir desse conhecimento, as pessoas passaram a falar e a escrever sobre o assunto, especialmente na *internet*.

No dia 6 março de 2019, quarta-feira de cinzas e um dia após Bolsonaro compartilhar o vídeo das pessoas artistas no carnaval, o assunto da performance ainda circulava nas redes sociais, tendo a hashtag #goldenshowerpresidente figurando entre os *Trending Topics* ⁷ do Twitter, ao lado das hashtags #ImpeachmentBolsonaro e #VergonhaDessePresidente. Bolsonaro, usuário atuante da rede, como dito anteriormente, ao ver a hashtag #goldenshowerpresidente no *trending topics*, logo publicou: “o que é *golden shower*?”. Com essa segunda postagem, a viralização tomou outras proporções. Se, por um lado, o *golden shower* (“chuva dourada”, em tradução literal) tornou-se uma expressão popular, por outro, os efeitos dessa dimensão acionaram outras camadas.

As mídias diversas continuaram a veicular a repercussão nacional e internacional sobre os dois *tuites* do então presidente. Críticas às publicações saltaram de todos os lados, tanto de aliados da direita como de opositores da esquerda, utilizando os espaços das redes sociais para exporem suas reações carregadas de “moralidades conservadoras”⁸. O

⁶ Além do alcance midiático expressivo, a ação performativa também surgiu em algumas pesquisas acadêmicas – a saber: COELHO, 2020; GOMES, 2022; GROCHOVS, 2023.

⁷ Um tópico, uma palavra, uma frase ou um nome mencionado em uma alta taxa em escala internacional nas postagens da rede social, entram para esses assuntos mais comentados.

⁸ A antropóloga Clara da Cunha Coelho (2020), em sua etnografia sobre os festivais pós-pornôs que ocorreram nos últimos anos em São Paulo, traz uma montagem com algumas reações de atores políticos

episódio do *golden shower* gerou uma série de memes, figurinhas⁹ no WhatsApp, um jogo *online*, fantasias de carnaval (usadas em desfiles dos blocos de rua logo após a polêmica) e um volume expressivo de curiosos pesquisando sobre a temática em *sites* pornô. O Pornhub, uma das principais plataformas de compartilhamento de vídeos pornográficos, registrou uma alta considerável de buscas pelo termo “golden shower” nos dias 6 e 7 de março de 2019, datas que coincidem com as publicações de Jair Bolsonaro. Essa plataforma tem uma área chamada *Insights*, que reúne pesquisas e análises feitas pela equipe da Pornhub. Relatórios anuais completos com indicadores de gênero, raça, idade, localização, índice de tráfego, dados de acesso, termos mais buscados, entre tantas outras informações e um compilado de dados estatísticos podem ser acessados pelo *Pornhub Insights*. No dia 6 de março daquele ano a plataforma registrou um aumento de mais de 688% de buscas pelo termo por usuários no país. No dia seguinte, após o *tuíte* questionando “o que é *golden shower*?”, o aumento na busca foi de mais de 1.896%, mais do que o dobro do dia anterior. Os estatísticos da plataforma também relataram o crescimento em escala mundial: aumento de 98% no termo “golden shower” em 6 de março e 173% no dia 7 de março.

Para as pessoas artistas que participaram da ação pornográfica-performativa, com o avançar dos compartilhamentos e a escalada de discussões variadas que envolviam a temática, a alta repercussão da viralização trouxe o medo de perseguições e ameaças de conservadores apoiadores do Bolsonaro. Em entrevista¹⁰ à Folha de S. Paulo, publicada na mesma semana do carnaval, as pessoas artistas pediram que os seus nomes, biografias e detalhes sobre as suas rotinas fossem omitidos na reportagem. Contaram que excluíram as redes sociais, saíram por um tempo da capital paulista e mudaram os visuais, já que poderiam ser facilmente reconhecidas na rua. Expostas nas mídias, a dupla foi amparada judicialmente por dois advogados (*pro bono*), que entraram com uma ação no Supremo

tanto da “esquerda” quanto da “direita” que reagiram à polêmica que ficou conhecida como “golden shower”. Esse apanhado nos mostra que em debates explícitos sobre corporalidades e práticas sexuais desviantes, as “moralidades conservadoras” sempre serão exaltadas e reforçadas – tanto na “direita” como na “esquerda”.

⁹ Figurinhas ou *stickers* são imagens estáticas ou em movimento geralmente usadas no WhatsApp, um aplicativo multiplataforma de trocas de mensagens de texto, áudio, imagens, vídeos e documentos, além de permitir chamadas de áudio e de vídeo. Os temas das figurinhas são diversos e elas podem ser criadas pela própria pessoa usuária do WhatsApp ou compartilhar as que ela recebe em conversas com seus contatos.

¹⁰ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/foi-ato-politico-nao-fervo-de-carnaval-diz-dupla-do-golden-shower-criticado-por-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 10/3/2019. Nesta reportagem, também incluíram na publicação uma nota dos advogados de defesa da dupla e o *Manifesto Golden Shower* na íntegra.

Tribunal Federal (STF) exigindo que os *tuites* fossem excluídos do perfil de Bolsonaro. As postagens do ex-presidente foram excluídas ainda naquele mês de março de 2019. Além da ação judicial, a dupla elaborou um *Manifesto Golden Shower*, publicado na Folha de S. Paulo e no blog *Monstruosas* – espaço que divulga eventos e textos sobre dissidências sexuais e de gênero e pós-pornografia. Replico abaixo o manifesto na íntegra:

MANIFESTO GOLDEN SHOWER

Ao contrário do que disse o presidente da República, o vídeo que ele tuitou não era “um fervo imoral de carnaval”. Era uma performance, ato de cunho artístico, planejado, com intuito de comunicar uma mensagem de artistas. Nossa performance, portanto, é um ato político. Um ato contra o conservadorismo e contra a colonização dos nossos corpos e nossas práticas sexuais.

Nós somos a Ediy, uma produtora pornográfica que trabalha a partir de corpos e desejos desviantes. O pornoshow é uma prática de performance, dança e pornô contra a pornografia tradicional, que coloniza e encolhe nossa sexualidade. Nossos corpos e desejos dissidentes rompem com os papéis de gênero machistas e misóginos que enxergam os corpos feminilizados como buracos. Nós estamos ao lado da imoralidade de vidas ditas como irrelevantes e matáveis. Somos os corpos não docilizados da escatologia social. Nossos desejos não dialogam com o sistema sexo-produtivo do cis-heterossexismo, masculino e branco. Em tempo: não somos homens, somos bixas.

Apesar de surpresas com a repercussão do registro da nossa performance, a pornoshow, é importante contextualizar a ação que o presidente e sua turma tiveram acesso via Twitter. Ela é uma resposta ao retrocesso moral e institucional que avança desde o dia de sua posse, porque estamos cansadas.

O presidente, frente à enxurrada de críticas nos carnavais de todo país, preferiu produzir outra cortina de fumaça nas redes. Afinal, é mais importante fiscalizar o cu alheio (literalmente) que tratar de administrar o país e dar melhores condições de vida para quem precisa. E nós, a população brasileira, merecemos respeito independente das práticas sexuais, das identidades de gênero, de raça e de classe.

Já que o presidente nos viralizou, propomos uma discussão sobre práticas sexuais não hegemônicas e hegemônicas. Não esperem que transemos para reprodução, tampouco que nos digam como devemos transar. Não estamos aqui para falar o que é certo, errado, ou impor qualquer coisa. Queremos respeito e direitos iguais. Agradecemos pela divulgação e nos colocamos abertamente a favor do seu impeachment. Os ataques a direitos historicamente conquistados, a licença para matar conferida contra as populações indígenas, invisibilização de populações marginalizadas como nós, LGBTTQIAN+, os ataques às mulheres cis e trans e à população negra, quilombola e com diversidade funcional o justificam. Pois estamos sendo MORTAS e nossos direitos sendo violados.

Mas nós já começamos e não vamos parar. Não daremos nenhum passo atrás. Para encerrar a polêmica sobre o carnaval, estamos de acordo com Leandro Vieira, carnavalesco da vitoriosa Mangueira: “O carnaval é a festa do povo, é cultura popular. Não é o que ele acha que é. Ele devia mostrar para o mundo o carnaval da Mangueira, da arte e da luta.”¹¹

¹¹ Publicado em 12 de março de 2019 em: <<https://monstruosas.milharal.org/2019/03/12/manifesto-golden-shower-quando-a-performance-fomenta-a-crise-do-cistema/>>. Acesso em: 20/3/2019.

#ImpeachmentBolsonaro #goldenshower #pornoLGBT+ #posporno
#sexodissidencia

O manifesto acima condensa alguns dos propósitos que perpassam a EdiyPorn, especialmente a ação *pornoshow*, identificada como uma performance artística de cunho político, e o reconhecimento da dissidência enquanto desejo e prática sexuais e como experiência de vida. Observamos que o manifesto, escrito como uma resposta direta ao ex-presidente e ao conservadorismo que nos ataca com normatizações e prescrições delimitando o público e o privado, o saudável e o abjeto, aponta para um movimento amplo, uma construção de uma pornografia desviante.

Nesse sentido, em uma possível elucubração, podemos compreender que o lançamento da plataforma em 2020 (especificamente em 26 de abril) está enredada em pelo menos dois efeitos que se transformaram, com o tempo, inseparáveis de seu histórico. O primeiro deles, o *pornoshow*, uma prática pornográfica-performativa e política, protagonizada por corporalidades dissidentes, que desloca práticas sexuais restritas ao privado e as expõe de uma forma que traz à luz não apenas debates sobre a temática, como cria brechas de possibilidades e curiosidades no imaginário sexual. O segundo é a continuidade da ação, uma resposta eficaz à enxurrada conservadora empreendida em um duplo movimento: negação e cri/ação. Ao passo que as pessoas que constituem tanto o coletivo como as pessoas sócias da plataforma identificam que a pornografia hegemônica não as excita e que não se veem representadas, há uma preocupação em criar, a partir de uma ação-performática-artística-política trilhas possíveis para arejar imaginários sexuais outros que contemple investigações de prazeres e desejos plurais, especialmente se acionados a partir das redes de dissidências.

A união desses dois efeitos, mobilizados aqui em um exercício de reflexão a partir de pesquisas de campo e conversas casuais com as pessoas que fundaram a plataforma, culmina na elaboração da EdiyPorn, uma plataforma que funciona como um laboratório de experimentação pornográfico que se propõe a hackear imaginários sexuais, a utilizar ferramentas para adentrar no mercado pornô e articular táticas que fomentem a circulação de renda ao pornô desviante – e, com isso, há uma geração de renda que contempla não só as sócias, como também todas as pessoas dissidentes envolvidas na realização de conteúdos autorais.

Arejando imaginários sexuais

O interesse pela revisitação crítica da pornografia que consumi, assim como uma reelaboração dos fragmentos de memórias em que a pornografia figurou, de alguma forma, como um instrumento pedagógico (e até um guia ilustrativo *do que* fazer e *como* fazer durante o ato sexual), começou, ainda que de forma tímida, em 2020, ao mesmo tempo em que ouvíamos o anúncio de Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), decretando que estávamos vivendo uma pandemia causada pelo novo coronavírus, em março daquele ano. À época, tinha ingressado no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), com um projeto de pesquisa de mestrado que se propunha analisar a obra musical da artista travesti multimídia Linn da Quebrada. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu entre os anos 2020 e 2022, e sofreu mudanças não só no plano metodológico e nos trajetos possíveis de análise, especialmente com os efeitos pandêmicos, como também reverberou em minha subjetividade e corporalidade transmutações entrelaçadas e indissociáveis entre o pessoal e o acadêmico. De modo geral, as reverberações experienciadas a partir do contato com as letras das músicas e o acompanhamento de alguns *shows* da artista me propiciaram um movimento interno de alargamento de possibilidades de existência – de *transexistência* – e um contínuo processo de deformação da minha corporalidade.

O ciclo de transmutações, acionado no decorrer da pesquisa desenvolvida na UNIFESP, instigou uma abertura crítica para o que eu entendia enquanto prazer e o que foi introjetado pela pornografia *mainstream*¹², tornando-se natural e comum em minhas práticas sexuais. Nesse sentido, concordo com a cientista social Laura Milano (2014, p. 42), pesquisadora de práticas pós-pornográficas no contexto latino-americano e amiga próxima das pessoas que comandam a EdiyPorn, quando ela afirma que “el porno enseña,

¹² Pornografia “*mainstream*”, “tradicional”, “hegemônica”, “comercial”, “dominante” ou “convencional” aparece tanto na pesquisa de campo como em literaturas que abordam a temática da pornografia de modo crítico e reflexivo. Essas denominações, muitas vezes anunciadas como sinônimos, indicam que essa pornografia é feita em grande escala com homens e mulheres cisgêneros/as, brancos/as, magros/as e geralmente com homens bem dotados. O pornô tradicional é a representação do “sexo convencional”, que, nas palavras de Jorge Leite Junior (2006, p. 17) seria o “heterossexual, monogâmico, com apenas um parceiro ao mesmo tempo, visando em especial a penetração peniana na vagina e o orgasmo genital, com ou sem fins procriativos”. O que “escapa” dessa normativa são categorizados, alocados em fetiches e, no limite, são estereotipados. Cabe destacar que o pornô tradicional também produz e reproduz gêneros binários masculino/feminino. Para María Elvira Díaz-Benítez (2009, p. 585, grifos da autora), “a pornografia produz um ‘hipergênero’: *masculinidades excessivas* e sua contraparte, *feminilidades excessivas*”.

refuerza y normaliza; funciona como tecnología de sexo construyendo una representación que se naturaliza”. A partir dessa ideia, se há um esforço em manter os parâmetros normativos e “aceitáveis” da tríade sexo-gênero-sexualidade (masculino-homem cisgênero-heterossexual / feminino-mulher cisgênera-heterossexual) via representações pornográficas, compreender essa engrenagem e recusá-la, a fim de construir repertórios outros, é um movimento estrutural de revisitação subjetiva. Inspirada pelo “manifesto contrassexual” de Paul B. Preciado (2014 [2000]), que estimula a erotização do corpo inteiro, para além das genitálias designadas como única concentração de prazer, meu interesse estava orientado a buscar outras excitações para além das disponibilizadas nas plataformas de compartilhamento de vídeos YouPorn, RedTube e Pornhub – portais de conteúdo adulto que eram administrados pela MindGeek, e que acumulavam o tráfego das páginas mais acessadas de conteúdo pornográfico da *internet*.

Nesse movimento, um dos primeiros perfis da EdiyPorn no Instagram foi sugerido enquanto eu navegava na rede social. Por um momento, pensei que seria alguma indicação de fora do Brasil, já que tinha o “porn” no nome do perfil. O primeiro dado que me saltou aos olhos foi a descrição: “plataforma de pornô desviante”. A associação de *desviante* ao pornô foi uma novidade pra mim, que já tinha lido em outros momentos termos como “pornô alternativo”, “pornô feminista”, “pornô feito para mulheres” ou “pós-pornô”. Navegando na plataforma da EdiyPorn, compreendi que estava distante de qualquer outro *layout* parecido com *sites* de conteúdos pornográficos, e que a ideia de “plataforma” começava a fazer sentido. De modo geral, a página *online* da EdiyPorn reúne os filmes lançados pela produtora, como divulga filmes de artistas/produtoras parceiras, textos, performances e, quando iniciei a pesquisa, ofereciam o serviço de *sextape*, para quem quisesse gravar a sua transa com outra/s pessoa/s. O oferecimento desse último serviço foi descontinuado por falta de demanda.

Os corpos nus e os frames de vídeos emaranhados estão dispostos na página inicial, mas, ao observar todo o seu conteúdo de forma minuciosa, percebi que a proposta, bem como a sua estrutura, destaca-se como um híbrido entre arte, sexo e política, que aparece tanto de forma explícita nas áreas *Diversos* e *Pornoshow*, como nos meandros e nas variações atravessadas nas camadas que abarcam a plataforma, além de ser reforçado nos diálogos casuais que mantenho com as pessoas sócias da plataforma. *Diversos* é uma galeria de livre acesso que reúne textos que abordam temáticas de sexualidade, erotismo e pornografia; curtas metragens; videoperformances; vídeos artísticos experimentais;

entrevistas; poemas putos; traduções de textos sobre pós-pornografia; *making of* de filmes; séries fotográficas; e materiais de diversas linguagens e perspectivas de pessoas artistas parceiras da plataforma. O *GAP – Grupo de Ações Pornoshow* é um coletivo de pessoas não-binárias e pansexuais que trabalham em diferentes áreas de atuação artística e que desenvolvem, desde 2019, performances em espaços públicos ou privados, tendo como foco a autoinvestigação de prazeres e desejos, e hackeamento de imaginários sexuais.

Diferente das páginas com alto volume de acessos da pornografia *mainstream*, que classificam os vídeos por fantasias sexuais visualizadas, na EdiyPorn os vídeos produzidos são alocados em cinco séries, disponíveis na íntegra na área *Exclusivo* para o público pagante: *Ar Livre*, *Sessão*, *Pornoblock*, *Autoprazer* e *Pornô Com História*, além de *Convidades*, que exhibe filmes de produtoras e pessoas parceiras que fazem pornô de modo independente. Os filmes não mostram a data de publicação e cada série tem uma breve descrição¹³. Em *Ar Livre*, você encontra “muito prazer em diversas experiências externas, desde matos e águas de mar e cachoeira, até ruas, quintais e águas de mangueirais”. *Sessão* reúne “práticas BDDSSM: bondage y disciplina, dominação y submissão, sadismo y masoquismo. Encontros que partem de acordos consensuais e movem intensidades para além do tesão”. *Pornoblock*, “com inspiração fetichista, performers embarcam em seus desejos. No embalo da criatividade estética constroem fantasias e mundos”. Os vídeos da série *Autoprazer* “retratam performers indo além da masturbação – exploram o autoprazer: se curtir, se amar, se conhecer. Gozar de corpo inteiro”. E *Pornô Com História* reúne “desde narrativas mais roteirizadas com diálogos e personagens, até narrativas mais subjetivas que traçam um começo, meio e além”.

A primeira observação, para além de como os vídeos são distribuídos nas séries e as suas respectivas descrições, é a forma como a equipe, em cada filme, é apresentada. Não há menção de atrizes e/ou atores pornôs; em todos os vídeos, sem exceção, as pessoas que participaram são identificadas na página como *performers*. Em diálogo com as pessoas sócias da produtora, elas reforçam a importância de trabalharem com performers e artistas do corpo em todas as produções audiovisuais. Nesse sentido, é operado um distanciamento da ideia de “encenação real de atrizes/atores” ou de um “sexo coreográfico”, como diz María Elvira Díaz-Benítez (2010), geralmente presentes no pornô tradicional. Há uma concordância na fala das sócias em afirmar que os filmes

¹³ As descrições das sessões estão disponíveis em: <https://www.ediyporn.com/teasers/>. Acesso em: 2/4/2024.

realizados são, antes de tudo, sobre desejos e corpos, tendo como fio condutor o tesão, o bem-estar, o conforto e o consentimento das pessoas performers que vão construir as cenas.

A distinção entre *encenação* e *performance*, para a EdiyPorn, é fundamental, e o seu entendimento é baseado em “um estado de corpo” entregue à vivência, sem filtro, que se coloca disponível às experimentações na performance. O seu fluxo, mesmo que seguindo um pré-roteiro ou um filme realizado para a sessão *Pornô Com História*, é orgânico e o seu movimento é fluido diante da câmera. A ideia de performance, de acordo com uma das pessoas da plataforma, é centralizada no corpo – e este corpo assume uma dupla posição de sujeito e objeto, ou seja, o corpo é uma ferramenta a ser manipulada artisticamente pelo sujeito. Nesse sentido, o pessoal e o artístico são inseparáveis nesse ato pornográfico-performativo. Na construção do filme, a performance é feita para a câmera, que será transformada em vídeo. No decorrer desse processo, a edição figura como um dos principais elementos da montagem e finalização do vídeo – via de regra, a edição deve ser feita por alguma pessoa que esteve presente nos processos de desenvolvimento das cenas filmadas. Em um ensaio escrito pelas pessoas sócias da EdiyPorn e publicado na coletânea *El dedo en el porno* (2021), organizada pela Laura Milano, elas comentam sobre as características que compõem os seus modos de produção. Destaco abaixo um trecho sobre a importância da edição:

Durante nuestros procesos de desarrollo poético, percibimos, también, la importancia de que la persona que edita los videos se deje envolver por el material: es claro cuando la edición es hecha por alguien que sintió calentura por el material o se sintió interpeladx por las escenas. Buscamos, durante todo el proceso de producción, dialogar, escuchar e intercambiar, de manera que el video final pueda transmitir – por medio de los cortes – sonidos, imágenes y colores en los que se sienta la energía de la excitación experimentada por lxs performers (EDIYPORN, 2021, pp. 151-152).

Sobre a construção dos filmes, fui informada de que há um compromisso ético em suas composições, bem como uma comunicação direta entre performers, a câmera e a produção. A equipe técnica geralmente é reduzida e revezada entre os filmes; existe uma diversidade de performers, mas é possível localizar a mesma pessoa performer em alguns filmes diferentes, e até com o mesmo par. O bem-estar e o consentimento, como mencionado anteriormente, são prioridade em todas as produções. Antes da gravação, um encontro entre as pessoas que estarão responsáveis pela parte técnica (direção, câmera, edição e captação de áudio) e as pessoas performers traçam um esboço de como o filme será feito – locação, cenário, produção – e também discutem possíveis situações de

desconforto que deverão ser evitadas. No dia da gravação, no set de filmagem, se não houver tesão por parte das pessoas performers e/ou elas estiverem desconfortáveis e sem vontade de fazer a performance, todo o esboço traçado é anulado e a equipe desenha um outro tipo de filme, como por exemplo perguntar às pessoas no set quem tem interesse em performar e gravar algo. O trabalho da equipe de produção e gravação de cada filme é o de proporcionar um espaço seguro e acolhedor que desperte, nas performers, o encontro com os seus desejos e para que vivencie o seu tesão de forma explícita e prazerosa para a câmera.

Outra característica que compõe a produtora é a intenção coletiva, de integrar uma rede dissidente, premissa que perpassa os propósitos da EdiyPorn – nas produções audiovisuais; na divulgação de materiais de pessoas artistas parceiras e de produtoras independentes próximas; na exibição de filmes da EdiyPorn e na participação da equipe em festivais de pós-pornô em contexto latino-americano; e também em interações mobilizadas na própria plataforma. A área *Goze Junte*, também conhecida como a “orgia virtual” do *site*, é um espaço em que “a putaria é feita por todes”, como diz a descrição¹⁴. Nesse espaço, aberto e gratuito, é possível enviar um vídeo de até um minuto se masturbando para um *e-mail* indicado, que passará a integrar “um acervo de vídeos de/para exibicionistas e voyeuristas”.

As alianças e as potencialidades que emergem entre as dissidências podem ser compreendidas como o epicentro de cri/ação das ramificações que constituem a EdiyPorn. A ideia de *dissidência* é acionada como o eixo que conecta os anseios dessa rede múltipla e colaborativa formada por pessoas gordas, negras, trans, travestis, não-binárias, bixas, sapatonas, corpos positivos que vivem com hiv, neurodivergentes e PCD’s. Com isso, a *dissidência* não é só operada como um “termo guarda-chuva” para agrupar esses corpos que negam as normatizações socioculturais, mas revelam a agência micropolítica que essas corporalidades podem alcançar ao explorarem desejos e fluxos prazerosos outros. “Fazemos um pornô que é respeitoso e que é feito por dissidências”, de acordo com as pessoas da plataforma. E se ampliarmos a nossa análise, mobilizando as articulações que surgem em um campo expandido, as ações denominadas como *pornoshow* aglutinam uma prática pornográfica e performativa baseadas em um “processo de investigação corporal-

¹⁴ Disponível em: <https://www.ediyporn.com/goze-junte/>. Acesso em: 2/4/2024. Destaco que, tanto na comunicação da plataforma como nas postagens das redes sociais, não há uma marcação de gênero binária na escrita, ou seja, a “linguagem neutra” é utilizada em todos os lugares. Assim, vemos: *junte*, *convidade*, *todes*, *putes*, entre outros exemplos.

sexual-pornográfico”, como elas dizem. Essa mobilização e esse interesse em intervenções artístico-pornográficas com o intuito de ampliar subjetividades e a expansão das compreensões corporal e sexual foram germinadas antes mesmo do lançamento da plataforma. E, de certo modo, esse conjunto de articulações estético-políticas acionadas podem ser vistas, sob uma ótica maior, como ecos do movimento pós-pornô.

Diálogos com o pós-pornô

O “pós-pornô” surge, no contexto estadunidense, no final dos anos 1980. E Annie Sprinkle (artista da performance, diretora e atriz de filmes pornográficos, sexóloga, trabalhadora sexual e ativista pró-sexo) é reconhecida por pesquisadoras/es como a primeira a utilizar “pós-pornô” – expressão que, inicialmente foi utilizada por Sprinkle para denominar o seu conjunto de trabalhos e, aos poucos, passou a ser definida por um movimento crítico e cultural expandido e com desdobramentos em contextos europeus e na América Latina. Embora tenha sido popularizado por Sprinkle, o termo “pós-pornô” já tinha sido utilizado nos anos 1980 por Wink van Kempen, artista holandês que atribuiu a expressão a um conjunto de fotografias com conteúdo explícito, ou seja, com órgãos genitais em *close-up*, e tendo como principal objetivo um tom paródico e crítico, diferente de um foco simplesmente masturbatório. O interesse de Kempen era o de propor uma abordagem experimental das representações do sexo e da sexualidade que estivesse, de certo modo, desprendida das convenções predominantes da anatomia médica e da pornografia no Ocidente: enquanto a anatomia produzia um conhecimento sobre o corpo e manipulava a gestão do normal e do patológico, a pornografia foi constituída como uma técnica visual destinada ao olhar masculino (PRECIADO, 2017).

Em 1989, Veronica Vera, uma das integrantes do *Club 90*, escreveu o *Manifesto Modernista Pós-Pornô* como uma resposta combativa aos efeitos de política e censura sexual que pairavam no contexto sociocultural à época. O manifesto, assinado por outras integrantes do grupo, além de ativistas liberais, condensa uma articulação que entrecruza experimentações sexuais e da sexualidade, arte e crítica política. Esses três elementos – sexo, arte e política – apontam reverberações em escalas micropolíticas e também se alastram em perspectivas expandidas.

De certo modo, a constituição do *Club 90*¹⁵ e a atuação de Sprinkle destacam quatro aspectos importantes e que se entrelaçam: (1) a linguagem pornográfica produz dois gêneros amparados na diferença anatômica sexual, e essa divisão das genitálias reitera as limitações dadas à feminilidade e à masculinidade e os seus respectivos papéis nas encenações sexuais; (2) o conjunto normativo de técnicas visuais e da produção do desejo se orienta à heterossexualidade, tendo o homem como prioridade do gozo; (3) o imaginário pornográfico e todo o seu exercício técnico, discursivo, visual e cinematográfico, desenhado em um formato “encenado” que se pareça o mais real possível, é uma construção que se materializa e torna-se um elemento determinante na produção da subjetividade; (4) e, se todo aparato pornográfico pode ser construído, ele também pode ser reconstruído, isso se entendido que a pornografia é um campo aberto e as suas linguagens e iconografias podem ser hackeadas e reelaboradas em produções outras e variadas. Como bem resume Annie Sprinkle (2001, p. 120): “a resposta para uma pornografia ruim não é proibir a pornografia, mas sim fazer filmes pornôs melhores”.

Essas características mencionadas foram motivadas e acionadas no interior de emaranhados socioculturais e políticos como respostas críticas e confronto às ações morais, conservadoras e legais de caráter punitivo que miravam na repressão da pessoa trabalhadora sexual e na proibição da produção e circulação de materiais pornográficos. No bojo de disputas entre conservadores e progressistas, as ações subversivas encontraram consonâncias e alianças. Linguagens artísticas (como a performance), produções audiovisuais, literatura e a música coadunam alternativas possíveis para a exploração de sexualidades dissidentes, corporalidades não-normativas e manifestações ativistas. Dessa forma, a emergência da pós-pornografia, os ativismos *queer* na luta contra a aids, as reivindicações de lésbicas e sadomasoquistas, a movimentação de pessoas trabalhadoras do sexo que reclamam a profissionalização e a igualdade de direitos no mercado de trabalho, a produção de pornografias experimentais autoproduzidas, e o incentivo de debates amplos no interior da corrente feminista pró-sexo (sobre a sexualidade, o prazer, as causas da representação pornográfica e o seu uso social, entre outras temáticas) são efeitos que constituíram o contexto estadunidense entre 1970 e 1990.

¹⁵ Em Nova Iorque, no ano de 1983, um grupo de atrizes e/ou diretoras de filmes pornôs, composto inicialmente por Annie Sprinkle, Veronica Vera, Gloria Leonard, Kelly Nichols, Sue Nero, Candida Royalle e Veronica Harte, se reuniram para formar o *Club 90*. O clube tornou-se um espaço de encontros e de fabulações estratégicas para recodificar a representação e a atuação das mulheres na pornografia *mainstream*.

Esses agenciamentos, difundidos em diversas camadas, expandiram e complexificaram as narrativas pornográficas ao passo que as relações entre corpo, sexo e prazer tornaram-se emaranhados políticos e polos estratégicos de subversão e resistência. Nesse enquadramento, a pornografia passa a ser vista como uma ferramenta poderosa na produção de gênero e sexualidade normativos, e que pode ser tomada a fim de transtornar os seus signos, sentidos e representações. A pós-pornografia, então, evoca o campo visual aberto da pornografia e trabalha em possibilidades de construções de subjetividades e sexualidades dissidentes. Esse movimento de recriação com base crítica aos modelos hegemônicos ganhou fôlego nos anos 2000 em Barcelona e 2010 no contexto latino-americano, transcendendo o limite geográfico dos Estados Unidos.

Lucía Egaña Rojas (2017), chilena radicada na Europa e diretora do documentário “Mi sexualidad es una creación artística”¹⁶, conta que no contexto espanhol a pós-pornografia germinada teve como principal referência não só os trabalhos artísticos de Sprinkle, como os debates fervorosos entre feministas abolicionistas e pró-sexo, e as experiências que surgiram nos espaços de BDSM lésbico em São Francisco. No início dos anos 2000, especificamente em 2003, o termo “pós-pornô” foi utilizado no seminário “Retóricas del género”, organizado por Sam Bourcier e Paul B. Preciado. Também em 2003, ocorreu a Maratón Postporno no MACBA – Museu de Arte Contemporânea de Barcelona com o título “Pornografía, postpornografía: estéticas y políticas de representación sexual”. Organizado por Preciado, a Maratón Postporno é um os maiores “mitos fundacionais” do pós-pornô na Espanha, tanto bibliográfico como documental (ROJAS, 2017). A partir da maratona, o eixo referencial foi deslocado dos Estados Unidos para uma reinterpretação local do que significava trabalhar com o pós-pornô na Espanha. Com essa “atualização” do movimento no cenário espanhol, surgiram alguns coletivos, como Post-Op, Girls Who Like Porno, Go Fist Foundation, Quimera Rosa, entre outros.

Grupos autogestionados, produções DIY (Do It Yourself), críticas ao binarismo de identidades fixas de masculino/feminino/homem/mulher, utilização de espaços públicos para a ativação de performances, iniciativas críticas e política, e a criação de pornografias que exaltam corpos dissidentes, podem ser elencadas como as principais características do movimento espanhol. Situado em um híbrido entre práticas artísticas e ativismo, e inspiradas pelos estudos/ativismos *queer*, a movimentação fomentou uma

¹⁶ Lançado em 2011, o documentário aborda a primeira década da cena pós-pornô em Barcelona. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rCqBvIHlvWs>>. Acessado em: 10/12/2022.

experimentação sexual-estética-política no interior de redes coletivas, localizadas às margens do pornô comercial e da indústria *mainstream* do sexo. Se a pornografia opera uma engrenagem repetitiva de imagens e encenações que constroem subjetivamente o que é belo, agradável, desejante e aceito socialmente, a pós-pornografia aqui escancara as monstruosidades abjetas em agenciamentos que provocam brechas nas estruturas visuais heteronormativas. Em linhas gerais, se o desejo é algo construído, que outros desejos possam surgir e romper com categorias normativas de sexo e gênero.

Em meados da década de 2010, articulações começaram a ser mobilizadas em torno de uma reapropriação da pós-pornografia a partir do cenário geopolítico da América Latina. O propósito dessa mobilização era revisitar as temáticas e as referências da curta jornada do pós-pornô e traçar rotas a fim de encontrar expressões latinas, pensadas e ativadas a partir do Sul global. Laura Milano (2014), uma das principais pesquisadoras da pós-pornografia latino-americana, contextualiza que o cruzamento entre arte e política, apoiado em uma ótica feminista e regional, aliado à chegada da teoria *queer* e do pós-pornô europeu, estimulou à época trabalhos tanto no campo da arte contemporânea como no âmbito ativista, críticas ao discurso hegemônico do pornô. Essas produções críticas, que passaram a ser nomeadas de “pós-pornografia latino-americana”, considera duas características principais: a visibilidade das diversas expressões da sexualidade que foram estigmatizadas no contexto latino; e o problema da “hegemonia cultural” que penetra no desenvolvimento teórico e na produção artística, e a pós-pornografia não estaria isenta.

Esse trabalho situado, constituído como um projeto político de descolonização, guiado por um empreendimento artístico-político desde problemáticas locais/regionais, reflete também na autodenominação desse movimento. A autora recorre ao termo “sudaca”, expressão pejorativa cunhada na Europa para se referir aos sul-americanos, e o transforma em “sud-acá”, um tipo de jogo de palavras com “acá” (“aqui”, em português), para demarcar uma produção distante de uma “sucursal do pós-pornô europeu”, como ela diz. Ainda na trilha do pensamento de Laura Milano, em síntese, a pós-pornografia “sud-acá” ou “sudaka” (como tem sido utilizado recentemente por ativistas, com a grafia da letra “k”) contempla a visibilidade dos sujeitos abjetos e seus desejos, assim como é utilizada como uma ferramenta de denúncia e crítica contra as múltiplas opressões interseccionadas (como raça, classe e gênero) que atravessam esses sujeitos.

El posporno puede actuar como discurso crítico no sólo de régimen heterosexual obligatorio, tal como lo expresa Monique Wittig (1978), sino también como cuestionamiento de nuestro orden social en todas sus

dimensiones, especialmente aquella que atañe a las relaciones de dominación entre los países del centro y la periferia (MILANO, 2014, p. 109).

Outra característica recorrente na América Latina é a articulação de redes colaborativas, que podem se desdobrar em produções de filmes, festivais pós-pornô, intervenções urbanas, encontros itinerantes, e trocas de referências de artistas, performers, autores/as e produtoras a fim de aumentar a circulação desde *acá*. Érica Sarmet e Mariana Baltar (2021), recuperando algumas pistas trilhadas pelo pós-pornô na América Latina, ressaltam que essas redes são configuradas a partir de “ações intermediais” (performances, poesias, fotografias, manifestos, filmes, videoartes, ensaios, produções acadêmicas) que são articuladas em eventos presenciais como festivais¹⁷, mostras, seminários e oficinas. Em muitos casos, “esses encontros resultaram na formação de coletivos e no estreitamento de laços afetivos entre artistas e ativistas de diversos territórios, intensificados pela difusão *online* da produção intelectual e artística elaborada sobre ou nesses contextos” (SARMET; BALTAR, 2021, p. 89).

À guisa de conclusão, a partir desse brevíssimo panorama de algumas características e alguns efeitos que podem ser localizados na trajetória recente do movimento pós-pornográfico em variados contextos, nos leva à compreensão de que a plataforma EdiyPorn se utiliza de alguns elementos característicos da pós-pornografia, mas não se encerra nela. Dito de outra forma, as redes colaborativas são acionadas; há uma intensa exibição dos filmes da plataforma em festivais de pós-pornô; o próprio nome EdiyPorn foi pensado a partir do DIY; as críticas à pornografia *mainstream* são evidentes, assim como o interesse em oxigenar modos outros de prazeres e sexualidades; e o diálogo com artistas e performers que aparece na construção dos filmes, nos aponta para características que contemplam o pós-pornô. O que diferencia a plataforma, nesta elucubração, é o seu interesse em criar fissuras para adentrar no circuito do pornô comercial, mas mantendo sua característica desviante. Cito um exemplo: em 2021, durante o mês de junho – conhecido nos últimos anos como “mês da diversidade” e utilizado como estratégia de marketing para muitas empresas – o canal adulto pago Sexy Hot, pertencente ao Grupo Globo e um dos principais canais de sexo do país, licenciou um dos vídeos da EdiyPorn e o exibiu na “sessão de orgulho” daquele mês. Essa movimentação se aproxima do que as pessoas sócias da plataforma entendem como ações diretas de “hackeamento de imaginários”, como adentrar nesses sistemas maiores

¹⁷ Uma descrição maior sobre festivais pós-pornôs latino-americanos pode ser encontrada nos trabalhos de Érica Sarmet (2014, 2015).

infiltrando outras possibilidades de prazer. Ou, nas palavras de uma interlocutora, “que a produção independente desviante apareça em um ‘catálogo normativo de pornôs’ e que a pessoa seja surpreendida, que assista a um vídeo gostoso, bem feito, com respeito entre todas as pessoas e que inspire a explorar seu corpo”. E, além de cavar essa fissura, que o giro monetário contemple toda a produção dissidente – como aparece na expressão “pague pelo seu pornô”, recorrente em postagens no perfil do Instagram da plataforma.

Com isso, compreendo que a “pornografia desviante” está emaranhada em corporalidades, sexualidades, na investigação das próprias introjeções e imagens sexuais que constituíram a subjetividade, na busca por estratégias que façam circular uma possibilidade de renda, ressaltar o protagonismo de pessoas dissidentes e a exploração de seus desejos diante das telas, e a criação de narrativas outras que contemplem os desvios desejantes e desejáveis. “Somos un colectivo de experimentación sexual, estética y política”, resumem as pessoas sócias da plataforma (EDIYPORN, 2021, p. 148).

Referências bibliográficas

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

COELHO, Clara da Cunha Barbato Veiga. *Pós-pornografia em foco: um estudo sobre tensões políticas e usos do corpo*. 2020. 107 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. “Retratos de uma orgia: a efervescência do sexo no pornô”. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo. (Orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, pp. 567-595.

_____. *Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

EDIYPORN. “Porno desviante: entrecruzamientos con la lógica de producción y consumo de pornografía”. In: MILANO, Laura (Org.). *El dedo en el porno: r/goces entre teoría, feminismos y pornografía*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Madreselva, pp. 141-157, 2021.

GOMES, Kevin Hacling Alves. “Politizando o grotesco: *golden shower*, pós-pornô e micropolítica *queer*”. In: SANTANA, Léa Menezes de; SOUZA, Luana; CASTRO, Thais Farias. (Orgs.). *Discussões feministas sobre pornografia*. Salvador: Devires, 2022, pp. 29-43.

GROCHOVS, Jeffe. “Trajetos desviantes para uma pornografia dissidente”. In: MELO, Rogério; TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; STUBS, Roberta. (Orgs.). *Kuirartisar as más-turbações fascistas: como inventar para si políticas de descontrolo*. Salvador: Devires, 2023, p. 137-145.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LEITE JÚNIOR, Jorge. *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 2006.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. *Linguagens pajubeyras: re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade*. Salvador: Editora Devires, 2017.

MILANO, Laura. *Usina posporno: disidencia sexual, arte y autogestión en la pospornografía*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Título, 2014.

_____. (Org.). *El dedo en el porno: r/goces entre teoría, feminismos y pornografía*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Madreselva, 2021.

PINHEIRO, Rafa. Linn(da) que brada: dissidências poéticas, corporalidade em movimento e estéticas insurgentes. 2022. 255 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Guarulhos.

PRECIADO, Paul B. “Multidões queer: notas para uma política dos ‘anormais’”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, pp. 11-20, jan.-abr. 2011.

_____. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014 [2000].

_____. “Cartografias ‘queer’: O ‘flâneur’ perverso, a lésbica topofóbica e a puta multcartográfica, ou como fazer uma cartografia ‘zorra’ com Annie Sprinkle”. *eRevista Performatus*, Inhumas, ano 5, n. 17, pp. 1-32, jan. 2017.

ROJAS, Lucía Egaña. “Postporno”. In: PLATERO, Lucas R.; ROSÓN, María; ORTEGA, Esther. *Barbarismos queer y otras esdrújulas*. Barcelona: Ediciones Bellaterra, pp. 364-373, 2017.

SARMET, Érica; BALTAR, Mariana. “Redes de deboche e excesso: práticas performáticas no pós-pornô da América Latina”. *Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, pp. 75-98, 2021.

SARMET, Érica. “Pós-pornô, dissidência sexual e a *situación cuir* latino-americana: pontos de partida para o debate”. *Periódicus – Revista de Estudos Interdisciplinares em Gêneros e Sexualidades*, Salvador, mai.-out. 2014, pp. 1-19.

_____. “*Sin porno no hay posporno*”: corpo, excesso e ambivalência na América Latina. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

SPRINKLE, Annie. *Hardcore from the heart: The pleasures, profits and politics of sex in performance*. Michigan: Continuum, 2001.